




ARTIGO DE INVESTIGAÇÃO

## Solidão, comunicação parental-filial e envolvimento em comportamentos de *cyberbullying* em adolescentes e jovens adultos\*

Loneliness, parent-child communication, and involvement in cyberbullying behaviors in adolescents and young adults

Soledad, comunicación padre-hijo e implicación en conductas de ciberacoso en adolescentes y jóvenes adultos

Mónica Pereira<sup>1</sup> , Inês Carvalho Relva<sup>1,2</sup> , Otília Monteiro Fernandes<sup>1,3</sup> 

\* Este artigo é derivado do trabalho de Dissertação do Mestrado em Psicologia Clínica da autora Mónica Pereira e das orientadoras Inês Carvalho Relva e Otília Monteiro Fernandes.

<sup>1</sup> Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD), Vila Real, Portugal.

<sup>2</sup> Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD), Vila Real; Centro de Investigação e Intervenção Educativas (CIIE) da Universidade do Porto; Centro de Psicologia da Universidade do Porto (CPUP), Porto, Portugal.

<sup>3</sup> Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano (CIDESD), Vila Real; Centro de Investigação em Psicologia para o Desenvolvimento Positivo (CIPD), Universidade Lusíada, Porto.

**Forma de citar:** Pereira, M., Relva, I. C., & Fernandes, O. M. (2024). Solidão, comunicação parental-filial e envolvimento em comportamentos de *cyberbullying* em adolescentes e jovens adultos. *Rev. CES Psico*, 17(2), 77-91. <https://dx.doi.org/10.21615/cesp.6581>

### Resumo

A Internet é utilizada como ferramenta para colmatar a sensação de solidão, ao permitir a comunicação com os outros, mas pode ser, também, um contexto de risco para o desenvolvimento dos jovens. O presente estudo tem como objetivo explorar a relação entre a solidão, a comunicação parental-filial e a cibervitimização. O estudo foi feito com uma amostra de 401 adolescentes e jovens adultos, com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos. Recorreu-se à Escala de Solidão (UCLA), à Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA-A) e ao Questionário de Cibervitimização (CYVIC) para a recolha dos dados. Os resultados indicam uma prevalência total de 78.3% foi vítima de, pelo menos, um comportamento de *cyberbullying*. Sugerem que a solidão se correlaciona positivamente com a cibervitimização e negativamente com um padrão de comunicação positivo com os pais. Por fim, constatou-se que a cibervitimização e o padrão comunicacional negativo predizem positivamente a solidão e a expressão de afeto e apoio emocional da figura materna prediz negativamente a solidão. Estes resultados indicam que é necessário ter em conta as consequências psicológicas decorrentes do *cyberbullying*, e dotar estilos parentais que favoreçam a comunicação parental-filial direcionada para o uso problemático da Internet.

**Palavras-chave:** Solidão; *cyberbullying*; comunicação entre pais e filhos; adolescentes; jovens adultos.

### Abstract

The Internet is used as a tool to overcome the feeling of loneliness, allowing communication with others, but it can also be a risky context for the development of young people. This study aims to explore the relationship between loneliness, parent-child communication, and cyber-victimization. The study was carried out with a sample of 401 adolescents and young adults, aged between 15 and 24 years. The Loneliness Scale (UCLA), the Parenting Communication Assessment Scale (COMPA-A) and the Cybervictimization Questionnaire (CYVIC) were used for data collection. The results indicate an overall prevalence of 78.3% was victim of at least one cyberbullying behavior. They suggest that loneliness is positively

correlated with cybervictimization and, the presence of negative correlations with a positive communication pattern with parents. Finally, it was found that cybervictimization and a negative communication pattern positively predict loneliness and the expression of affection and emotional support of the mother figure negatively predict loneliness. These results indicate that it is necessary to consider the psychological consequences of cyberbullying, and to provide parenting styles that favor parent-child communication aimed at the problematic use of the Internet.

**Keywords:** Loneliness; cyberbullying; communication between parents and children; teenagers; young adults.

### Resumen

Internet se utiliza como herramienta para superar el sentimiento de soledad, al permitir la comunicación con los demás, pero también puede ser un contexto de riesgo para el desarrollo de los jóvenes. El presente estudio tiene como objetivo explorar la relación entre la soledad, la comunicación entre padres e hijos y la cibervictimización. El estudio se realizó con una muestra de 401 adolescentes y adultos jóvenes, con edades comprendidas entre los 15 y los 24 años. Para la recolección de datos se utilizaron la Escala de Soledad (UCLA), la Escala de Evaluación de la Comunicación en la Crianza (COMPA-A) y el Cuestionario de Victimización Cibernética (CYVIC). Los resultados indican una prevalencia total del 78,3% que ha sido víctima de al menos una conducta de ciberacoso. Sugieren que la soledad se correlaciona positivamente con la cibervictimización y negativamente con un patrón de comunicación positiva con los padres. Finalmente, se encontró que la cibervictimización y el patrón de comunicación negativo predicen positivamente la soledad, y la expresión de afecto y apoyo emocional de la figura materna predice negativamente la soledad. Estos resultados indican que es necesario tener en cuenta las consecuencias psicológicas derivadas del ciberacoso y proporcionar estilos de crianza que favorezcan la comunicación padres-filiales dirigida al uso problemático de Internet.

**Palabras claves:** Soledad; ciberacoso; comunicación padre-hijo; adolescentes; jóvenes adultos.

## Introdução

### Solidão e o fenómeno do *cyberbullying*

A Internet proporciona oportunidades, mas também riscos para os seus utilizadores, especialmente para os adolescentes e jovens adultos, permitindo que se relacionem mais facilmente com os amigos e familiares, mas também comunicarem com pessoas que não conhecem. No entanto, a conexão ao mundo da Internet pode promover e contribuir para sentimentos de solidão, isolamento, incidentes de rejeição e provocação social, como também poderá afetar a qualidade da comunicação e o suporte com os pais (Appel et al., 2012). É importante ressaltar que muitos riscos *online* tornam-se mais prevalentes durante a fase da adolescência (Symons et al., 2020). O uso problemático das redes sociais atua como um fator facilitador do *cyberbullying*, porque os adolescentes e jovens adultos percebem a Internet como uma rota de fuga para os problemas e uma ferramenta para desafiar as regras impostas pelos pais, o que os torna mais vulneráveis e menos capazes de autocontrolo (Romero-Abrio et al., 2019). Perante a situação pandémica em que vivemos nos dias de hoje, o uso de ecrãs pelos adolescentes e jovens adultos passou a ser uma rotina diária necessária para colmatar as necessidades de estudo, entretenimento, de socialização, o que implica um maior acesso e mais tempo de utilização. Se antes da pandemia o acesso excessivo à Internet estava já relacionado com a prevalência do *cyberbullying*, o fenómeno pode intensificar-se nesta fase de isolamento (Ordem dos Psicólogos Portugueses [OPP], 2020).

O *cyberbullying* tem vindo a ser reconhecido como um problema de saúde pública, com sérias consequências sociais, psicológicas e académicas para os adolescentes e jovens adultos (Cross et al., 2016). Desta forma, o *cyberbullying* consiste na utilização da tecnologia para assediar, ameaçar ou vitimar outra pessoa de forma repetida e intencional. Este tipo de *bullying*, cada vez mais frequente, é realizado através de meios digitais pode acontecer em qualquer lugar e a qualquer hora, para além dos portões da escola, possibilita o anonimato do/a agressor(a) e pode gerar diversos efeitos negativos nas vítimas (António et al., 2020). De uma forma resumida, o *cyberbullying* pode ser caracterizado como uma forma de comportamento antissocial na Internet, que pode envolver diversas formas de tecnologia (computadores ou telemóveis) (Chan & Wong, 2019). Alguns exemplos de *cyberbullying* incluem postar insultos numa rede social da vítima, enviar mensagens de ódio ou

partilhar na Internet ou redes sociais conteúdos que embaracem ou humilhem a vítima (Wood Jr. & Graham, 2018).

Perante as circunstâncias em que vivemos, a falta do contacto presencial com amigos e companheiros pode levar as crianças e os jovens a correrem mais riscos, por exemplo, através do envio de conteúdos mais sexualizados. O aumento do tempo passado *online* de forma não estruturada, pode expor as crianças e jovens a conteúdos potencialmente prejudiciais e violentos, bem como potenciar um maior risco de sofrerem *cyberbullying* (Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância -UNICEF, 2020). Segundo esta organização uma em cada três crianças afirmam terem sido vítimas de *cyberbullying* e que uma em cada cinco crianças deixou de ir à escola devido ao mesmo (UNICEF, 2020). Na mesma linha, na pesquisa de Buelga et al. (2015a), os resultados indicam que 32% da amostra, composta por 1.415 adolescentes espanhóis entre 12 e 17 anos, foram vítimas de *cyberbullying*. Outro estudo realizado em Espanha revelou que 28,4% dos adolescentes e jovens participantes são agressores de *cyberbullying*, 18,64% são agressores e vítimas de *cyberbullying* e 9,3% são vítimas (Buelga et al., 2017). E noutra província de Espanha verificou-se uma prevalência total de 44.1% dos adolescentes responderam ser vítimas de pelo menos um dos itens de cibervitimização (Calvete et al., 2010). O mesmo foi verificado na pesquisa de Kubiszewski et al. (2015) realizada em França, que reportou uma prevalência de 18% de, pelo menos uma vez, comportamento de cibervitimização. Outra investigação empírica realizada em Bangladesh apresentou uma prevalência de vítimas de *cyberbullying* de 31.9% entre os 14 e 17 anos de idade (Mallik & Radwan, 2020). Um estudo realizado na Turquia com estudantes universitários relatou uma prevalência de 54,4% dos inquiridos relataram terem sido vítimas de um comportamento *cyberbullying* pelo menos uma vez na vida (Aricak, 2009). Em Portugal, o relatório EU Kids *Online* (2019), que inquiriu jovens entre os 9 e 17 anos, revelou que o *cyberbullying* predomina sobre o *bullying*. Mais de um quinto dos que sofre deste tipo de agressão indicou que esta ocorre várias vezes por mês, através de chamadas, mensagens ou por outra via e uma em cada seis crianças e jovens que experienciaram *cyberbullying* (16% teve de fazer coisas que não queria fazer) (Ponte & Batista, 2019). Isto sugere que o mundo da Internet tem características específicas que parecem contribuir para uma maior revelação de comportamentos violentos (Buelga et al., 2015b), o que pode explicar o maior envolvimento dos adolescentes em comportamentos de *cyberbullying* (Buelga et al., 2017).

Um estudo realizado com adolescentes revelou que a autoestima, a empatia e a solidão prediziam a ocorrência de vitimização de *cyberbullying* (Brewer & Kerlake, 2015). Os adolescentes e jovens adultos usam as tecnologias de informação e comunicação (TIC) para satisfazer os sentimentos de solidão ao comunicarem com os outros (Şahin, 2012). A solidão é assumida como um estado emocional experienciado pelo ser humano que se distingue de outras emoções centrais, tais como: o amor, o ódio, a gratidão ou a inveja, tanto a nível de qualidade, como também nas suas implicações (Erllich, 1998). Outros estudos indicam que um uso problemático da Internet está relacionado com maiores níveis de solidão (Yao & Zhong, 2014; Tian et al., 2018; Zhang et al., 2018). Na mesma linha, Yao e Zhang (2014), afirmam que um uso mais ativo da Internet poderá ser um agente de maior solidão, pois verificou-se que a solidão aumentava a medida que os contactos *online* iam aumentando. Os adolescentes e jovens adultos com um sentimento mais intenso de solidão (emocional e social) e humor depressivo apresentam dificuldades no desenvolvimento de competências sociais (Olenik et al., 2012). Isto sugere que, estes indivíduos procuram mais conexões sociais pela Internet, que podem vir a ser indivíduos mais vulneráveis à cibervitimização, o que afeta negativamente e intensifica o sentimento de solidão (Olenik et al., 2012). Os adolescentes e jovens adultos que demonstram ter mais dificuldades nas interações sociais referem ter maiores sentimentos de solidão como são aqueles que têm uma maior probabilidade de se tornarem vítimas de *cyberbullying* (Álvarez-García et al., 2015; Navarro et al., 2015; Tarablus et al., 2015; Zhou et al., 2013). A solidão parece estar, assim, ligada ao aumento do uso da Internet, incluindo o uso problemático da Internet (Ang et al., 2012; Appel et al., 2012; Morahan-Martin & Schumacher, 2003; Stickley et al., 2014).

### **Comunicação parental-filial no envolvimento em comportamentos de *cyberbullying***

Existem já algumas evidências de que uma comunicação positiva visa compreender os problemas e as

preocupações dos adolescentes e jovens adultos e que, para além disto, tenha o objetivo de fazer com que os filhos se sintam melhor quando estão chateados ou tristes (Larrañaga et al., 2016) e pode funcionar como fator protetor relativamente ao envolvimento em *cyberbullying* (Elgar et al., 2014; Wang et al., 2009). Por outro lado, dificuldades na comunicação familiar parece perpetuar a vitimização por *cyberbullying* (Makri-Botsari & Karagianni, 2014), especialmente aumentar a vulnerabilidade dos adolescentes e jovens adultos se tornarem vítimas severas de *cyberbullying* (Larrañaga et al., 2016). Há ainda uma imensidade de fatores de proteção e fatores de risco, que estão relacionados ao envolvimento no *cyberbullying*, situados na vida do indivíduo ao nível individual, familiar e extrafamiliar (Kowalski, et al., 2018).

A autoestima, o apoio social da família, a atitude em relação ao *cyberbullying* e o uso problemático da Internet também foram relacionados ao comportamento de *cyberbullying* (Handono et al., 2019). As vítimas cibernéticas relataram manter uma comunicação menos aberta, mais ofensiva e mais evitável tanto com o pai quanto a mãe do que as não-vítimas. Algumas pesquisas recentes apontam que as dificuldades de comunicação familiar podem surgir devido ao facto de as vítimas de *cyberbullying* não compartilhar as experiências de cibervitimização com seus pais, por pensar que estes possam não pôr um fim ao problema e que isso leve a efeitos aditivos mais graves (Ortega-Barón et al., 2019). À medida que a intensidade e a duração da cibervitimização aumentam, aumentam os sentimentos de solidão e os problemas de comunicação familiar e ajuste escolar nas vítimas cibernéticas (Cañas et al., 2020).

O seio familiar desempenha um papel relevante no comportamento de *cyberbullying* (Ortega-Barón et al., 2016). e, principalmente, nas vítimas. Isto mostra que as vítimas de *cyberbullying* quando percebem um clima familiar negativo têm, por sua vez, uma comunicação menos aberta com as figuras parentais (Buelga et al., 2017), e um alto nível de conflito familiar pode atuar como um fator de vulnerabilidade para ser intimidado por via digital (Martínez-Monteagudo et al., 2019). Situações como o divórcio dos pais, a viuvez, o baixo nível sociofamiliar, o baixo nível de escolaridade da/o mãe/pai e o desemprego são alguns exemplos de fatores de risco para a ocorrência de comportamentos de cibervitimização (Chen et al., 2018). Por outro lado, os relacionamentos e funcionamento familiar, saudáveis são essenciais para reduzir as atividades delinquentes, como o *cyberbullying* e outras formas de vitimização (Chen et al., 2018).

A comunicação familiar positiva e o contexto familiar caracterizado pelo envolvimento caloroso são fatores-chave na prevenção do *cyberbullying*. Isto sugere que as famílias devem assumir a responsabilidade pelo uso correto dos dispositivos dos filhos e os pais devem comunicar com os filhos de uma forma positiva, aberta, empática acerca mundo da Internet em que eles navegam (Ortega-Barón et al., 2016); pois isso aumenta seu uso seguro (Symons et al., 2020). Portanto, além dos adolescentes e jovens adultos, também é importante envolver os pais em programas de prevenção do *cyberbullying* no contexto escolar (Buelga et al., 2017). É relevante ainda que pais ou cuidadores tenham consciência que a partir do momento em que a os adolescentes e jovens adultos tem um telemóvel/computador/tablet poderá estar em risco (OPP, 2020).

Desta forma, o presente estudo visa: 1) explorar a prevalência da vitimização por *cyberbullying*; 2) analisar em que medida a prevalência por vitimização de *cyberbullying* varia em função da idade; 3) verificar se existe uma associação entre a solidão, a comunicação entre pais e filhos e os comportamentos de cibervitimização; e 4) explorar o efeito preditor dos comportamentos de cibervitimização e da comunicação parental-filial na solidão. Assim sendo, o presente estudo é de extrema importância, não só por se propor a estudar um conjunto de variáveis recentes e pouco pesquisadas, especialmente quando correlacionadas, sendo que, e ao contrário da maioria dos estudos que é realizado com crianças e adolescentes, os participantes da presente investigação são, na sua maioria, adolescentes e jovens adultos.

## Método

A presente investigação é de carácter quantitativo e transversal, tendo em conta que o objetivo é quantificar fenómenos através de procedimentos estatísticos, tendo as variáveis sido medidas num único momento. É

ainda um estudo de cariz correlacional, uma vez que pretende explorar a associação entre as variáveis analisadas (Marôco, 2007).

## Participantes

O presente estudo contou com uma participação de 401 adolescentes e jovens adultos, dos quais 323 pertencem ao sexo feminino (80.5%) e 78 ao sexo masculino (19.5%), com idades compreendidas entre os 15 e os 24 anos ( $M=19.13$ ;  $DP=1.95$ ). No que se refere ao ano de escolaridade, 190 (47.4%) frequentavam o ensino secundário e 211 (52.6%) frequentavam o ensino superior, sendo que destes 177 (44.1%) frequentavam a licenciatura e 34 (8.5%) o mestrado. Relativamente aos dias, horas e finalidades da utilização da Internet, 98.5% dos participantes usa a Internet no seu quotidiano e 70.3% utiliza-a mais de 3 horas diárias.

## Instrumentos

*Questionário sociodemográfico.* Aplicado com o objetivo de caracterizar os participantes nas seguintes dimensões: idade, sexo, ano de escolaridade e hábitos de uso da Internet.

*Escala de Solidão da UCLA – Revised.* Originalmente desenvolvida por Russell et al. (1980), foi adaptada para a população portuguesa por Neto (1989). É uma escala unidimensional que encara a solidão como um estado psicológico, isto é, indivíduos diferentes podem experienciar sentimentos de solidão, ao longo de diferentes percursos de tempo, em diversas circunstâncias das suas vidas. Trata-se de um questionário com 18 itens (“*Sinto-me em sintonia com as pessoas que estão há minha volta*”). As respostas de cada item fazem-se numa escala de escolha múltipla com quatro alternativas, em que 1 corresponde ao “nunca”, 2 “raramente”, 3 “algumas vezes” e 4 “muitas vezes”. A pontuação final é obtida através do somatório dos 18 itens, para isso, a soma dos itens negativos é realizada de acordo com a escala, enquanto a soma dos itens positivos (os que estão assinalado com \*) é conseguida mediante a inversão da escala, itens 1, 4, 5, 8, 9, 13, 14, 17 e 18. Neste último caso, o 4 corresponde ao “nunca”, 3 “raramente”, 2 “algumas vezes” e 1 “muitas vezes”. A pontuação final da escala situa-se entre um mínimo de 18 e um máximo de 72 pontos, sendo que quanto mais elevado for a pontuação final, maior é o nível de solidão e quanto mais baixa for a pontuação menor será a solidão, e conseqüente maior satisfação social. A escala manifesta boas qualidades psicométricas pois revelou ter uma boa consistência interna e uma boa validade, confirmada mediante as correlações entre a solidão e os diversos estados emocionais relacionados com a solidão que os participantes avaliaram. O coeficiente de alfa de Cronbach desta escala é de .87, o que corresponde a um bom valor (Neto, 1989). Para a presente amostra o alfa de Cronbach foi de .91, o que revela uma boa consistência interna. A análise fatorial confirmatória confirma o ajustamento dos valores, sendo  $\chi^2(9)=35.003$ ;  $p=.000$ ;  $Ratio=3.889$ ;  $CFI=.98$ ;  $GFI=.97$ ;  $RMR=.011$  e  $RMSEA=.09$ .

*Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade – versão para adolescentes (COMP-A).* Esta escala, criada especialmente para a população portuguesa por Portugal e Marques (2014), tem como objetivo avaliar as perceções dos filhos em relação à comunicação com os seus pais. É respondida numa escala de tipo Likert (1=Nunca; 2= Raramente; 3= Às vezes; 4= Muitas vezes; 5= Sempre) e a sua cotação é feita pelo somatório dos itens por subescala. Os totais obtidos em cada subescala são divididos pelo número de itens. A COMP-A é constituída por duas partes, uma referente à comunicação estabelecida com o pai e outra relativa à comunicação estabelecida com a mãe. A sua aplicação consiste em pedir aos participantes, no caso da COMP-A, adolescentes dos 12 aos 16 anos, que assinalem em cada item, numa escala de 1 a 5, qual a perceção que tinham sobre a comunicação estabelecida com as figuras parentais.

Relativamente à estrutura da COMP-A é composta por cinco subescalas nomeadamente: a disponibilidade parental para a comunicação com os filhos (fator 1), a confiança /partilha comunicacional de filhos para progenitores (fator 2), a expressão do afeto e apoio emocional (fator 3), a metacomunicação (fator 4) e o padrão comunicacional negativo (fator 5). A disponibilidade parental para a comunicação diz respeito à perceção de escuta atenta/ativa dos pais em relação aos filhos e é constituída por 14 itens (“*Eu e o/a*



*meu/minha pai/mãe procuramos a melhor maneira para resolver os nossos problemas*”). A confiança /partilha comunicacional de filhos para progenitores refere-se à capacidade do filho em adotar uma postura aberta e honesta e ser responsivo e é constituída por 7 itens (*“Sinto-me bem com as conversas que tenho com o/a meu/minha pai/mãe”*). A expressão do afeto e apoio emocional é constituída por 5 itens (*“Gosto de dar beijos e de abraçar o/a meu/minha pai/mãe”*) e reporta-se a ligação afetiva entre filhos e pais que permita a partilha e discussão de preocupações e sentimentos pessoais. A metacomunicação é constituída por 9 itens (*“Costumo respeitar e estar de acordo com as regras que o/a meu/minha pai/mãe me dá”*) e avalia a capacidade dos filhos para estabelecerem uma comunicação aberta e clara com os seus pais. O padrão comunicacional negativo reporta-se aos comportamentos comunicacionais que promovem estilos desadequados de relacionamentos e é constituída por 4 itens (*“Tenho dificuldade em acreditar no que o/a meu/minha pai/mãe me diz”*) (Portugal & Marques, 2014).

Quanto às propriedades psicométricas, os valores do coeficiente de alfa de Cronbach para as subescalas são aceitáveis para fins de investigação (fator 1: .87; fator 2: .87; fator 3: .84; fator 4: .81; fator 5: .65). Os valores disponibilizados resultam da soma das pontuações por subescala e pela divisão do valor obtido pelo total de itens de cada subescala permitindo, assim, a comparação dos resultados entre subescalas independentemente do número de itens que as compõem, sendo que apenas o último fator indica uma pior comunicação quanto maior for a pontuação (Portugal & Marques, 2014). Para a presente amostra, o valor de alfa de Cronbach global tanto para o pai e para a mãe foi de .97, o que indica uma boa consistência interna. Os valores do coeficiente de alfa de Cronbach para as subescalas do pai são aceitáveis para fins de investigação (fator 1: .97; fator 2: .94; fator 3: .91; fator 4: .92; fator 5: .67). Os valores do coeficiente de alfa de Cronbach para as subescalas da mãe são aceitáveis para fins de investigação (fator 1: .96; fator 2: .93; fator 3: .89; fator 4: .90; fator 5: .71). Relativamente à análise fatorial confirmatória, o ajustamento dos valores foi confirmado, sendo  $\chi^2(75)=297.557$ ;  $p=.000$ ;  $Ratio=3.967$ ;  $CFI=.97$ ;  $GFI=.91$ ;  $RMR=.032$  e  $RMSEA=.09$  para as subescalas referentes ao pai, e de  $\chi^2(79)=289.017$ ;  $p=.000$ ;  $Ratio=3.658$ ;  $CFI=.97$ ;  $GFI=.91$ ;  $RMR=.025$  e  $RMSEA=.08$  para as subescalas referentes à mãe.

*Questionário de Cyberbullying (CYVIC)*. De Álvarez-García et al. (2015), foi criado com o objetivo de avaliar até que ponto o participante é vítima de agressão através do telemóvel ou Internet, e é composto por 19 itens. Os participantes devem indicar a frequência com que foram vítimas dos comportamentos indicados nos últimos três meses, numa escala de tipo Likert de 4 pontos (1=nunca;2=raramente; 3=frequentemente;4=sempre). O CYVIC tem 4 fatores principais e 4 indicadores complementares, sendo que, neste estudo, e indo ao encontro dos objetivos, a cibervitimização foi avaliada utilizando a escala total, ou seja, através da soma da pontuação total de cada participante (mínimo de 19 pontos e máximo de 76), sendo que pontuações mais elevadas corresponderão a maiores níveis de vitimização. Considera-se vítima de *cyberbullying*, segundo os autores, os participantes que foram alvo de pelo menos um comportamento da escala. A consistência interna obtida pelos autores quando utilizaram a escala completa (Álvarez-García et al., 2019) foi adequada, com um alfa de Cronbach de .79. A versão portuguesa deste questionário foi traduzida por Fernandes e Relva (2019). Para a presente amostra o alfa de Cronbach foi de .87, o que revela uma boa consistência interna. A análise fatorial confirmatória confirma o ajustamento dos valores, sendo  $\chi^2(13)=38.173$ ;  $p=.000$ ;  $Ratio=2.936$ ;  $CFI=.98$ ;  $GFI=.98$ ;  $RMR=.002$  e  $RMSEA=.07$ .

## Procedimentos

A implementação desta investigação conta com o parecer favorável da Comissão de Ética da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. O estudo foi conduzido respeitando a princípios éticos para a investigação da Ordem dos Psicólogos Portugueses. Inicialmente, foi solicitada a autorização ao diretor pedagógico da escola, a quem foi explicado os objetivos do estudo, os procedimentos de aplicação dos instrumentos e o seu público-alvo, garantindo os procedimentos éticos convencionais, nomeadamente a confidencialidade, o anonimato das respostas e a voluntariedade na participação, assegurando-se que, a cada momento, o indivíduo poderia cessar a sua participação sem consequências. Os participantes deveriam preencher a declaração de consentimento

informado e, para alunos menores de 18 anos, o consentimento informado será destinado aos pais.

Contudo, não foi possível dar continuidade ao processo, tendo em conta a situação de pandemia COVID-19 que determinou o encerramento das atividades dos estabelecimentos de ensino em março de 2020. Assim sendo, foi necessário recorrer a adaptações e foi solicitado um novo parecer à comissão de ética da universidade relativamente a uma alteração no método utilizado para a recolha de dados. De igual modo, foi solicitado uma nova autorização aos autores das escalas para a utilização das mesmas em idades mais avançadas, a participantes com idade igual ou superior a 18 anos. Desta forma, a escola foi novamente contactada para que pudessem ser explicadas as alterações que foram feitas a fim de perturbar o menos possível as atividades letivas que se mantinham presenciais. Assim, foi proposto à escola que divulgassem o *link* de acesso ao questionário pelos alunos do ensino secundário, sendo mantidas todas as questões éticas anteriormente referidas. Porém, não obtendo mais colaboração e celeridade com a escola, optou-se por divulgar a investigação aos estudantes universitários. A sua participação foi voluntária e anónima, tendo sido os protocolos respondidos pelos participantes de forma individual, com uma duração de cerca de 20 minutos.

### **Análise de dados**

Numa fase inicial procedeu-se à codificação do protocolo, uma vez que foi elaborado através da plataforma *Limesurvey* procedeu-se primeiramente à exportação da base de dados para o *Microsoft Office Excel*. De seguida, procedeu-se à importação dos dados para o programa estatístico SPSS - *Statistical Package for Social Science*, versão 26. Posteriormente, procedeu-se à inversão de alguns itens, de acordo com o proposto pelo autor original.

Seguidamente, verificou-se a normalidade dos dados, segundo Marôco (2014) enuncia que em amostras (superiores a 30) a distribuição da média amostral segue uma distribuição normal. Após terem sido assegurados os pressupostos de normalidade, procedeu-se às análises estatísticas. Foi ainda calculado o grau de consistência interna da dimensão recorrendo ao alfa de Cronbach com o objetivo de perceber se o instrumento era fiável perante a amostra recolhida. Desta forma, valores de alfa de Cronbach superiores a .90 indicam uma consistência interna muito boa, entre .80 e .90 boa, entre .70 e .80 satisfatória e inferiores a .60 baixa consistência (Marôco, 2014). Para verificar com maior rigor a adequação dos modelos teóricos aos dados empíricos e testar a estrutura proposta pelos autores dos instrumentos utilizados, foram efetuadas análises fatoriais confirmatórias de 1ª ordem, através do programa IBM SPSS Amos – versão 23

De seguida, realizaram-se as análises estatísticas descritivas referentes à amostra em estudo, envolvendo o cálculo de frequências, médias e desvio-padrão. Realizou-se, ainda, uma análise diferencial univariada (ANOVA), com nível de significância de 5% ( $p \leq .05$ ), de modo a avaliar a diferença significativa entre a variável sociodemográfica (idade) e a prevalência de cibervitimização. De acordo com Cohen (1988), os valores do eta quadrado podem variar de 0 a 1, sendo que não existe efeito de magnitude, quando o valor é  $< .01$ , o efeito é pequeno quando o valor é  $\geq .01$ , moderado quando é  $> .06$  e forte quando o valor é  $> .14$ . A seguir efetuaram-se análises correlacionais através do  $r$  de *Pearson* com o objetivo de medir o grau de correlação linear entre as variáveis em estudo. As correlações podem ser positivas ou negativas, e apresentar um grau de associação baixo, moderado ou forte (Pallant, 2005). Para Cohen (1988), a correlação é fraca quando existe uma variação de  $r = .10$  a  $.29$  ou  $r = -.10$  a  $-.29$ ; moderada quando  $r = .30$  a  $.49$  ou  $r = -.30$  a  $-.49$  e forte quando  $r = .50$  a  $1.0$  ou  $r = -.50$  a  $-1.0$ .

Por fim, realizou-se ainda uma regressão múltipla hierárquica, em que cada variável independente é avaliada em termos do que adiciona à previsão da variável dependente (Pallant, 2005). Foi realizada com o intuito de explorar o efeito preditor dos comportamentos de *cyberbullying* e da comunicação parental-filial na solidão.

## Resultados

### Prevalência total de cibervitimização

Na [Tabela 1](#) apresenta a prevalência de vítimas de comportamentos de *cyberbullying*. Neste estudo, o ponto de corte utilizado pelos autores das escalas foi o envolvimento dos participantes em pelo menos um comportamento de cibervitimização (Álvarez-García et al., 2017; Álvarez-García et al., 2019), assim como em outras investigações empíricas (Aricak, 2009; Calvete et al., 2010; Kubiszewski et al., 2015). Assim sendo, neste estudo a prevalência total encontrada foi de 78.3% dos participantes foram vítimas de pelo menos um comportamento de *cyberbullying*.

**Tabela 1.** Percentagem de Vítimas de *Cyberbullying*.

Prevalência Total: CYVIC		
Cibervitimização	%	M ± DP
Sim	<b>78.3</b>	1.78
Não	21.7	.41

**Nota:** Os negritos representam a percentagem de vítimas de comportamentos de *cyberbullying* (N=401); M= Média; DP= Desvio-padrão.

### Análise diferencial da prevalência de cibervitimização em função da idade

Na [Tabela 2](#) apresenta a diferença da prevalência de cibervitimização pelo grupo de idade, foi realizada uma análise univariada (ANOVA) a um nível de significância de 5%. Os limites cronológicos da adolescência são definidos pela OMS entre 10 e 19 anos (*adolescents*) e pela Organização das Nações Unidas (ONU) entre 15 e 24 anos (*youth*) (Eisenstein, 2005). Perante esta definição e de forma a facilitar a interpretação dos resultados em função da idade, dividiu-se a idade em dois grupos (Grupo 1=15 anos até aos 19 anos; Grupo 2=20 anos até aos 24 anos). Assim, os resultados apontam para a presença de diferenças significativas entre os grupos de idade  $F(1, 399)=5.67, p=.018, \eta^2=.014$ . O grupo dos 15 aos 19 anos revela uma média ligeiramente superior ( $M=1.82; DP=.39$ ) quando comparado com o grupo dos 20 aos 24 anos ( $M=1.72; DP=.45$ ).

**Tabela 2.** Análise Diferencial da Prevalência de cibervitimização em Função da Idade.

	Idade	M ± DP	IC95%	Direção das diferenças
Cibervitimização	1-15 aos 19	1.82±.39	[1.77, 1.87]	1>2
	2- 20 aos 24	1.72±.45	[1.65, 1.78]	

**Nota:** M= Média; DP= Desvio padrão; IC 95% = Intervalo de Confiança a 95%; n.s.= não significativo.

### Associação entre a solidão, a comunicação parental-filial e a cibervitimização

Partindo do objetivo de analisar as associações entre as variáveis em estudo, elaboram-se análises correlacionais. Através da realização de uma correlação de *Pearson*, verificou-se que a solidão apresenta uma associação positiva significativa com efeito pequeno com a cibervitimização ( $r=.254; p\leq.01$ ).

Relativamente às associações entre a solidão e as dimensões da comunicação parental-filial do pai, os resultados sugerem a presença de associações estatisticamente significativas negativas, com efeitos pequenos a moderados. Concretamente é possível verificar para a disponibilidade para comunicar com os filhos ( $r=-.322; p\leq.01$ ), confiança/partilha ( $r=-.294; p\leq.01$ ), expressão de afeto e apoio emocional ( $r=-.322; p\leq.01$ ), metacomunicação ( $r=-.292; p\leq.01$ ), à exceção do padrão comunicacional negativo com efeito pequeno e positivo ( $r=.203; p\leq.01$ ). No que concerne às associações entre a solidão e as dimensões da comunicação



parental-filial da mãe, os resultados sugerem a presença de associações estatisticamente significativas negativas, com efeitos moderados. É possível verificar para a disponibilidade para comunicar com os filhos ( $r=-.353$ ;  $p\leq.01$ ), confiança/partilha ( $r=-.303$ ;  $p\leq.01$ ), expressão de afeto e apoio emocional ( $r=-.357$ ;  $p\leq.01$ ), metacomunicação ( $r=-.316$ ;  $p\leq.01$ ), à exceção do padrão comunicacional negativo com efeito pequeno e positivo ( $r=.246$ ;  $p\leq.01$ ).

## Papel preditor dos comportamentos de *cyberbullying* e da comunicação parental-filial na solidão

As análises de regressão múltipla hierárquica, possibilitam testar quais as variáveis independentes que melhor contribuem para a previsão da variável dependente (Pallant, 2005) (cf. [Tabela 3](#)). Para o efeito, introduziram-se 3 blocos, o bloco 1 correspondeu ao *cyberbullying*, o bloco 2 correspondeu à comunicação com o pai e o bloco 3 correspondeu à comunicação com a mãe.

No que respeita à cibervitimização, o bloco 1 explica 6.5 % da variância total ( $R^2=.065$ ), contribui individualmente com 6.5% da variância do modelo ( $R^2\text{ change}=.065$ ) e apresenta um contributo significativo  $F(1,399)=27.58$ ;  $p=.000$ . O bloco 2 explica 17.3% da variância total ( $R^2=.173$ ), contribui individualmente com 10.8% da variância do modelo ( $R^2\text{ change}=.108$ ) e apresenta um contributo significativo  $F(6,394)=13.70$ ;  $p=.000$ . O bloco 3 explica 24% da variância total ( $R^2=.240$ ), contribui individualmente com 6.7% da variância do modelo ( $R^2\text{ change}=.067$ ) e apresenta um contributo significativo  $F(11,389)=11.17$ ;  $p=.000$ .

A partir da análise individual do contributo de cada uma das variáveis independentes dos blocos, verifica-se que três variáveis apresentam contribuição significativa ( $p\leq .05$ ) enquanto preditor de solidão: a cibervitimização ( $\beta=.226$ ;  $p=.000$ ), o padrão comunicacional negativo (mãe) ( $\beta=.133$ ;  $p=.012$ ) predizem positivamente para a variável dependente e a expressão de afeto e apoio emocional (mãe) ( $\beta=-.216$ ;  $p=.044$ ) prediz negativamente para a variável dependente. As restantes dimensões constituintes do modelo não revelaram significância estatística, não contribuindo para a previsão da variável dependente.

**Tabela 3.** Análise Preditiva: Papel Preditor dos Comportamentos de Cibervitimização e da Comunicação Parental-filial na Solidão.

Solidão	$R^2$	$R^2\text{Change}$	B	SE	$\beta$	t	p
<b>Bloco 1-Cibervitimização</b>	<b>.065</b>	<b>.065</b>	.499	.101	<b>.226</b>	4.947	<b>.000</b>
<b>Bloco 2-COMPA-PAI</b>	<b>.173</b>	<b>.108</b>					
Disponibilidade parental			-1.532	1.289	-.178	-1.189	.235
Confiança/Partilha			-1.344	.932	-.146	-1.441	.150
Expressão do afeto e apoio emocional			-.369	1.078	-.045	-.342	.732
Metacomunicação			.893	1.304	.089	.685	.494
Padrão comunicacional negativo			-.908	.682	-.075	-1.331	.184
<b>Bloco 3-COMPA-MÃE</b>	<b>.240</b>	<b>.067</b>					
Disponibilidade parental			-.567	1.555	-.050	-.365	.715
Confiança/Partilha			.867	.987	.085	.878	.380
<b>Expressão do afeto e apoio emocional</b>			-2.290	1.134	<b>-.216</b>	-2.020	<b>.044</b>
Metacomunicação			-.298	1.432	-.024	-.208	.835
<b>Padrão comunicacional negativo</b>			1.692	.668	<b>.133</b>	2.533	<b>.012</b>

**Nota:** B, SE e  $\beta$  para um nível de significância de  $p < .05$ . Os negritos representam os valores significativos. Bloco 1- *Cyberbullying*; Bloco 2- Dimensões da comunicação parental-filial em relação ao pai; Bloco 3- Dimensões da comunicação parental-filial em relação à mãe.

## Discussão

O presente estudo teve como objetivo geral explorar a prevalência da vitimização no *cyberbullying* e analisar em que medida a prevalência por vitimização de *cyberbullying* varia em função do grupo de idade. Procurou-se também perceber se a solidão, a comunicação parental-filial e os comportamentos de cibervitimização se associavam entre si e, por fim, analisar o papel preditor dos comportamentos de cibervitimização e da comunicação parental-filial na solidão.

No que diz respeito à prevalência de cibervitimização, no presente estudo verificou-se que uma percentagem de 78.3% adolescentes e jovens adultos foram vítimas de, pelo menos, um comportamento de *cyberbullying*. Este resultado vai ao encontro de um estudo realizado no decorrer da pandemia por COVID-19, que teve como objetivo verificar comportamentos de *cyberbullying* em estudantes portugueses com idades compreendidas entre os 16 e os 34 anos. Os resultados desse estudo evidenciam que 61.4% da amostra foi vítima de *cyberbullying* durante os três meses de ensino à distância e 41% intitulava-se como perpetrador destes comportamentos (António et al., 2020). Vários especialistas alertam para o facto de milhões de crianças, adolescentes e jovens adultos terem sido afetados pelo fecho de escolas, passando a ter aulas e socializar mais no *online*, deixando-as mais vulneráveis e expostas a serem vítimas de *cyberbullying* (António et al., 2020). Se antes da pandemia o acesso excessivo à Internet já estava relacionado com a prevalência do *cyberbullying*, o fenómeno pode intensificar-se nesta fase de maior isolamento (OPP, 2020).

No presente estudo foi constatado que o grupo de idade dos 15 aos 19 anos apresenta uma taxa de prevalência mais elevada de cibervitimização quando comparada com o outro grupo de idade dos 20 aos 24 anos. Os resultados de um estudo realizado por Buelga et al. (2015a) evidenciam que 32% da amostra foi vítima de *cyberbullying* entre os 12 e 17 anos. Outra investigação empírica evidenciou uma prevalência de vítimas de *cyberbullying* de 31.9% entre os 14 e 17 anos de idade (Mallik & Radwan, 2020), e, num outro estudo verificou-se uma prevalência de 54.4% de estudantes universitários terem sido vítimas de um comportamento de *cyberbullying* pelo menos uma vez na vida (Aricak, 2009).

Face aos resultados do presente estudo, verificou-se que a solidão apresenta uma associação positiva com a cibervitimização. O mesmo se verificou nos estudos de Şahin (2012) e Olenik et al. (2012) e de Cañas et al. (2020). Os resultados vão ainda na mesma linha de raciocínio de Yao e Zhang (2014), em que um uso mais ativo da Internet poderá ser a grande explicação de maior solidão, pois verificou-se que a solidão aumentava à medida que os convívios *online* iam aumentando, o que sugere que o uso da Internet pode causar solidão. Outras investigações referem que os adolescentes e jovens adultos que têm mais dificuldades nas interações sociais referem ter maiores sentimentos de solidão como são aqueles que têm uma maior probabilidade de se tornarem vítimas de *cyberbullying* (Álvarez-García et al., 2015; Navarro et al., 2015; Tarablus et al., 2015; Zhou et al., 2013). A solidão parece estar, assim, ligada ao aumento do uso da Internet, incluindo o uso problemático da Internet (Ang et al., 2012; Appel et al., 2012; Morahan-Martin & Schumacher, 2003; Stickley et al., 2014).

Quanto às associações entre a solidão e as dimensões da comunicação parental-filial, verificou-se que a disponibilidade para comunicar com os filhos, a confiança/partilha, a expressão de afeto e apoio emocional, a metacomunicação correlacionam-se negativamente com a solidão. Isto indica que quando a disponibilidade parental, a confiança/partilha, a ligação afetiva e apoio emocional, a comunicação aberta e clara entre os pais e os filhos diminuem ou quando existe falta de comunicação entre pais e filhos ou quando o padrão de comunicação é negativo, aumentam os sentimentos de solidão. Inúmeras investigações empíricas mostram que a vitimização por *cyberbullying* está correlacionada a características familiares, nomeadamente, a relações mais conflituosas entre pais-filhos, a falta de apoio emocional dos pais, de monitoramento parental, e de afeto caloroso entre a coesão familiar poderá levar a sentimentos mais intensos de solidão (Bullock, 1993; Chang et al., 2015; Ortega-Barón et al., 2016; Safaria, 2015; Segrin et al., 2012; Ybarra & Mitchell, 2004). E Makri-Botsari e Karagianni (2014) indicam que as dificuldades de comunicação entre pais-filhos aumentam a persistência da cibervitimização. Outras descobertas sugerem que se os pais ao criarem um ambiente familiar pautado pela

comunicação positiva com seus filhos e estando conscientes das suas atividades *online* são fatores significativos e positivos que contribuem para o uso saudável da Internet e protegem do uso problemático da Internet (Ang et al., 2012; Xiuqin et al., 2010) e pode apoiar e defender adolescentes e jovens adultos das consequências prejudiciais do *cyberbullying* (Elgar et al., 2014).

Em resposta ao último objetivo, analisar o papel preditor dos comportamentos de *cyberbullying* e da comunicação parental-filial na solidão, foi possível verificar que os comportamentos de cibervitimização parecem predizer positivamente os sentimentos de solidão. Isto indica quanto mais os adolescentes e jovens adultos se envolvem nos comportamentos de cibervitimização mais serão os sentimentos de solidão perante a vida. Tal corroborado por estudos encontraram uma conexão entre a cibervitimização e os sentimentos de solidão (Brewer & Kerlake, 2015; Heiman et al., 2015; Schoffstall & Cohen, 2011). E vários estudos indicam que as vítimas de *cyberbullying* relatam mais sentimentos de solidão, como também uma comunicação mais problemática com os pais (Larrañaga et al., 2016; Cañas et al., 2020). E também referem que as vítimas tendem a ter uma comunicação menos aberta, mais ofensiva e mais evitativa com os seus pais (Cañas et al., 2020). Parece assim que as vítimas por *cyberbullying* têm mais problemas de comunicação com os pais, podendo este resultado advir pelo facto de não partilharem ou evitarem falar das experiências problemáticas que acontecem na Internet, pois têm medo que se grave a situação de *cyberbullying* e que leve a consequências mais graves por parte de quem pratica (Ortega-Barón et al., 2019).

Por fim, os resultados sugerem que o padrão comunicacional negativo da figura materna prediz positivamente a solidão. Isto indica que na presença de estilos comunicacionais negativos e desadequados na relação mãe-filho, maiores são os sentimentos de solidão dos adolescentes e jovens adultos. A este respeito, Larrañaga et al., (2016) mencionam que as vítimas de *cyberbullying* tendem a comunicar com a figura materna de forma mais evasiva. Pelo contrário, os resultados do presente estudo mostram que a expressão de afeto e apoio emocional da figura materna prediz negativamente a solidão. Parece, assim, que quando as mães têm uma comunicação mais aberta com os filhos, por sua vez, estes têm um melhor ajuste social, maior competência académica e envolvem-se mais facilmente com a família, promovendo a comunicação aberta, a partilha, a confiança e o apoio emocional (Alto et al., 2018).

### **Implicações práticas, limitações e propostas para estudos futuros**

O presente estudo demonstra algumas contribuições, implicações práticas e limitações que importam salientar. Em primeiro lugar, a investigação permitiu compreender a importância da relação entre a solidão, a comunicação entre pais e filhos e os comportamentos de *cyberbullying* numa amostra de adolescentes e jovens adultos, podendo estas variáveis contribuir como fatores de risco para a solidão ou mesmo para *cyberbullying*.

O presente estudo apresenta limitações que poderão, no entanto, abrir caminho para futuras investigações. Uma primeira limitação, está relacionada com o tamanho da amostra e o facto de não ser representativa, dado que os participantes que constituíram o estudo representam a população estudantil, o que poderá impedir a generalização dos resultados para a população portuguesa. Uma segunda limitação refere-se ao facto da coleta de dados foi realizada durante a pandemia provocada pelo COVID-19, o que poderá ter influenciado também nas variáveis em estudo. Por último, o facto de os instrumentos serem medidas de autorrelato, o que permite alguns vieses nas respostas, para além de que, o fator desejabilidade social poderá também ter tido uma influência nas respostas.

Para além de estudos de prevalência do *cyberbullying* a partir da perspectiva dos adolescentes e jovens adultos, é importante alargar aos contextos em que este ocorre, nomeadamente, o contexto escolar e à comunidade, de forma a perceber até que ponto este tema está a ser abordado e a forma como é feita esta abordagem. E em termos de idade, seria interessante generalizar o estudo para outras faixas etárias.

## Financiamento

Fundos nacionais apoiam o trabalho da autora Inês Carvalho Relva através da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia no âmbito do projeto Estímulo ao Emprego Científico - Concurso Institucional – CEECINST/00127/2018/CP1501/CT0004 (<https://doi.org/10.54499/CEECINST/00127/2018/CP1501/CT0004>).

## Referências

- Alto, M., Handley, E., Rogosch, F., Cicchetti, D., & Toth, S. (2018). Maternal relationship quality and peer social acceptance as mediators between child maltreatment and adolescent depressive symptoms: Gender differences. *Journal of Adolescence*, *63*, 19-28. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.12.004>
- Álvarez-García, D., Pérez, J. C. N., González, A. D., & Pérez, C. R. (2015). Risk factors associated with cybervictimization in adolescence. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, *15*, 226-235. <https://doi.org/10.1016/j.ijchp.2015.03.002>
- Álvarez-García, D., Núñez, J. C., Collazo, A., & García, T. (2017). Validation of the Cybervictimization Questionnaire (CYVIC) for adolescents. *Computers in Human Behavior*, *70*, 270-281. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.01.007>
- Álvarez-García, D., Núñez, J. C., González-Castro, P., Rodríguez, C., & Cerezo, R. (2019). The effect of parental control on cyber-victimization in adolescence: The mediating role of impulsivity and high-risk behaviors. *Frontiers in Psychology*, *10*, 1159. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.01159>
- Ang, R. P., Chong, W. H., Chye, S., & Huan, V. S. (2012). Loneliness and generalized problematic internet use: Parents perceived knowledge of adolescent's online activities as a moderator. *Computers in Human Behavior*, *28*(4), 1342-1347. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2012.02.019>
- António, R., Guerra, R., & Moleiro, C. (2020). *Cyberbullying em Portugal durante a pandemia do COVID-19*. Centro de Investigação e de Intervenção Social (CIS-IUL, ISCTE-IUL).
- Appel, M., Holtz, P., Stiglbauer, B., & Batinic, B. (2012). Parents as a resource: Communication quality affects the relationship between adolescents' internet use and loneliness. *Journal of Adolescence*, *35*(6), 1641-1648. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2012.08.003>
- Aricak, O. T. (2009). Psychiatric symptomatology as a predictor of cyberbullying among university students. *Eurasian Journal of Educational Research*, *34*(9), 167-184. <https://citeseerx.ist.psu.edu/document?repid=rep1&type=pdf&doi=a4d6ae5c7040d19626422b1194f7c67efa2ef31d>
- Brewer, G., & Kerslake, J. (2015). Cyberbullying, self-esteem, empathy and loneliness. *Computers in Human Behavior*, *48*, 255-260. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2015.01.073>
- Buelga, S., Cava, M. J., Musitu, G., & Torralba, E. (2015a). Cyberbullying aggressors among Spanish secondary education students: An exploratory study. *Interactive Technology and Smart Education*, *12*(2), 100-115. <https://doi.org/10.1108/ITSE-08-2014-0025>
- Buelga, S., Iranzo, B., Cava, M. J., & Torralba, E. (2015b). Psychological profile of adolescent cyberbullying aggressors. *Revista de Psicología Social*, *30*(2), 382-406. <https://doi.org/10.1080/21711976.2015.1016754>
- Buelga, S., Martínez-Ferrer, B., & Cava, M. J. (2017). Differences in family climate and family communication among cyberbullies, cybervictims, and cyber bully victims in adolescents. *Computers in Human Behavior*, *76*, 164-173. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2017.07.017>
- Bullock, J. R. (1993). Children's loneliness and their relationships with family and peers. *Family Relations*, *42*(1), 46-49. <https://doi.org/10.2307/584920>
- Calvete, E., Orue, I., Estévez, A., Villardón, L., & Padilla, P. (2010). Cyberbullying in adolescents: Modalities and aggressors' profile. *Computers in Human Behavior*, *26*(5), 1128-1135. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2010.03.017>
- Cañas, E., Estévez, E., León-Moreno, C., & Musitu, G. (2020). Loneliness, family communication, and school adjustment in a sample of cybervictimized adolescents. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, *17*(1), 335. <https://doi.org/10.3390/ijerph17010335>
- Chan, H. C., & Wong, D. S. (2019). Traditional school bullying and cyberbullying perpetration: Examining the psychosocial characteristics of Hong Kong male and female adolescents. *Youth & Society*, *51*(1), 3-29. <https://doi.org/10.1177/0044118X16658053>
- Chang, F. C., Chiu, C. H., Miao, N. F., Chen, P. H., Lee, C. M., Chiang, J. T., & Pan, Y. C. (2015). The

- relationship between parental mediation and Internet addiction among adolescents, and the association with cyberbullying and depression. *Comprehensive Psychiatry*, *57*, 21-28. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2014.11.013>
- Chen, Q., Lo, C. K., Zhu, Y., Cheung, A., Chan, K. L., & Ip, P. (2018). Family poly victimization and cyberbullying among adolescents in a Chinese school sample. *Child Abuse & Neglect*, *77*, 180-187. <https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2018.01.015>
- Cohen, J. (1988). Set correlation and contingency tables. *Applied Psychological Measurement*, *12*(4), 425-434.
- Cross, D., Shaw, T., Hadwen, K., Cardoso, P., Slee, P., Roberts, C., Thomas, L., & Barnes, A. (2016). Longitudinal impact of the Cyber Friendly Schools program on adolescents' cyberbullying behavior. *Aggressive Behavior*, *42*(2), 166-180. <https://doi.org/10.1002/ab.21609>
- Eisenstein, E. (2005). Adolescência: Definições, conceitos e critérios. *Adolescência e Saúde*, *2*(2), 6-7. <https://cdn.publisher.gn1.link/adolescenciaesaud e.com/pdf/v2n2a02.pdf>
- Elgar, F. J., Napoletano, A., Saul, G., Dirks, M. A., Craig, W., Poteat, V. P., Holt, M., & Koenig, B. W. (2014). Cyberbullying victimization and mental health in adolescents and the moderating role of family dinners. *JAMA Pediatrics*, *168*(11), 1015-1022. <https://doi.org/10.1001/jamapediatrics.2014.1223>
- Erlich, H. (1998). On loneliness, narcissism and intimacy. *The American Journal of Psychoanalysis*, *58*(2), 135-162. <https://doi.org/10.1023/A:1022160332189>
- Fernandes, O. M., & Relva, I. C. (2019). *Questionário de Cibervitimização*. Unpublished manuscript. Departamento de Educação e Psicologia. Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.
- Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância [UNICEF]. (2020). *Crianças correm maior risco de sofrer abusos online durante a pandemia global de COVID-19. Recomendações da Unicef têm como objetivo ajudar governos, empresas de TIC, educadores e pais a proteger as crianças em confinamento*. <https://www.unicef.org/mozambique/comunicad os-de-imprensa/crian%C3%A7as-correm-maior-risco-de-sofrer-abusos-online-durante-pandemia-global>
- Handono, S. G., Laeheem, K., & Sittichai, R. (2019). Factors related with cyberbullying among the youth of Jakarta, Indonésia. *Children and Youth Services Review*, *99*, 235-239. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2019.02.012>
- Heiman, T., Olenik-Shemesh, D., & Eden, S. (2015). Cyberbullying involvement among students with ADHD: Relation to loneliness, self-efficacy and social support. *European Journal of Special Needs Education*, *30*(1), 15-29. <https://doi.org/10.1080/08856257.2014.943562>
- Kowalski, R. M., Limber, S. P., & McCord, A. (2018). A developmental approach to cyberbullying: Prevalence and protective factors. *Aggression and Violent Behavior*, *45*, 20-32. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2018.02.009>
- Kubiszewski, V., Fontaine, R., Potard, C., & Auzoult, L. (2015). Does cyberbullying overlap with school bullying when taking modality of involvement into account? *Computers in Human Behavior*, *43*, 49-57. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2014.10.049>
- Larrañaga, E., Yubero, S., Ovejero, A., & Navarro, R. (2016). Loneliness, parent-child communication and cyberbullying victimization among Spanish youths. *Computers in Human Behavior*, *65*, 1-8. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2016.08.015>
- Makri-Botsari, E., & Karagianni, G. (2014). Cyberbullying in Greek adolescents: The role of parents. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, *116*, 3241-3253. <https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2014.01.742>
- Mallik, C. I., & Radwan, R. B. (2020). Adolescent victims of cyberbullying in Bangladesh prevalence and relationship with psychiatric disorders. *Asian Journal of Psychiatry*, *48*, 101893. <https://doi.org/10.1016/j.ajp.2019.101893>
- Marôco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS* (3ª Ed.). Lisboa: Sílabo.
- Marôco, J. (2014). *Análise das equações estruturais: Fundamentos teóricos, software & aplicações* (2ª Ed.). Portugal: ReportNumber.
- Martínez-Monteaugado, M. C., Delgado, B., Inglés, C. J., & García-Fernández, J. M. (2019). Cyberbullying in the university setting. Relationship with family environment and emotional intelligence. *Computers in Human Behavior*, *91*, 220-225. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2018.10.002>
- Morahan-Martin, J., & Schumacher, P. (2003). Loneliness and social uses of the Internet. *Computers in Human Behavior*, *19*(6), 659-671. [https://doi.org/10.1016/S0747-5632\(03\)00040-2](https://doi.org/10.1016/S0747-5632(03)00040-2)
- Navarro, R., Yubero, S., & Larrañaga, E. (2015). Psychosocial risk factors for involvement in bullying behaviors: Empirical comparison between cyberbullying and social bullying victims and bullies. *School Mental Health*, *7*(4), 235-248. <https://doi.org/10.1007/s12310-015-9157-9>
- Neto, F. A. (1989). A Escala de Solidão da UCLA: Adaptação portuguesa. *Psicologia Clínica*, *2*, 65-79. <https://www.iscet.pt/uploads/obSolidao/avaliaca>



[o\\_solidao\\_felix\\_neto.pdf](#)

- Olenik, D., Heiman, T., & Eden, S. (2012). Cyberbullying victimization in adolescence: Relationships with loneliness and depressive mood. *Emotional and Behavioural Difficulties*, 17(3-4), 361-374. <https://doi.org/10.1080/13632752.2012.704227>
- Ordem dos Psicólogos Portugueses (2020). *Recomendações para pais, cuidadores e professores- Cyberbullying e segurança online*. [https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/covid\\_19\\_cyberbullying\\_pais.pdf](https://www.ordemdospsicologos.pt/ficheiros/documentos/covid_19_cyberbullying_pais.pdf)
- Ortega-Barón, J., Buelga-Vasquez, S., & Cava-Caballero, M. J. (2016). The influence of school climate and family climate among adolescents' victims of cyberbullying influencia del clima escolar y familiar en adolescentes, víctimas de ciberacoso. *Comunicar*, 24(46), 57-65. <https://doi.org/10.3916/C46-2016-06>
- Ortega-Barón, J., Postigo, J., Iranzo, B., Buelga, S., & Carrascosa, L. (2019). Parental communication and feelings of affiliation in adolescent aggressors and victims of cyberbullying. *Social Sciences*, 8(1), 3. <https://doi.org/10.3390/socsci8010003>
- Pallant, J. (2005). *SPSS survival manual*. Berkshire: Allen & Unwin.
- Ponte, C., & Batista, S. (2019). EU Kids Online Portugal. *Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos)*. EU Kids Online e NOVA FCSH. [http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/documento\\_s/](http://www.fcsh.unl.pt/eukidsonline/documento_s/)
- Portugal, A. M., & Marques, I. (2014). Escala de Avaliação da Comunicação na Parentalidade (COMPA): Desenvolvimento e validação de uma medida da comunicação parento-filial. *Avances en Psicología Latino Americana*, 32(1), 85-103. <https://dx.doi.org/10.12804/apl32.1.2014.06>
- Romero-Abrio, A., Martínez-Ferrer, B., Musitu-Ferrer, D., León-Moreno, C., Villarreal González, M. E., & Callejas-Jerónimo, J. E. (2019). Family communication problems, psychosocial adjustment and cyberbullying. *International Journal of Environment Research and Public Health*, 16(13), 2417. <https://doi.org/10.3390/ijerph16132417>
- Russell, D., Peplau, L. A., & Cutrona, C. E. (1980). The revised UCLA Loneliness Scale: Concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(3), 472-480. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.39.3.472>
- Safaria, T. (2015). Are daily spiritual experiences, self-esteem, and family harmony predictors of cyberbullying among high school student? *International Journal of Research Studies in Psychology*, 4(3), 23-33. <https://doi.org/10.5861/ijrsp.2015.1103>
- Şahin, M. (2012). The relationship between the cyberbullying/cybervictimization and loneliness among adolescents. *Children and Youth Services Review*, 34(4), 834-837. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2012.01.010>
- Schoffstall, C. L., & Cohen, R. (2011). Cyber aggression: The relation between online offenders and offline social competence. *Social Development*, 20(3), 587-604. <https://doi.org/10.1111/j.1467-9507.2011.00609.x>
- Segrin, C., Nevarez, N., Arroyo, A., & Harwood, J. (2012). Family of origin environment and adolescent bullying predict young adult loneliness. *The Journal of Psychology*, 146(1-2), 119-134. <https://doi.org/10.1080/00223980.2011.555791>
- Stickley, A., Koyanagi, A., Kuposov, R., Schwab-Stone, M., & Ruchkin, V. (2014). Loneliness and health risk behaviours among russian and US adolescents: A cross sectional study. *BMC Public Health*, 14(1), 1-12. <https://link.springer.com/article/10.1186/1471-2458-14-366>
- Symons, K., Ponnet, K., Vanwesenbeeck, I., Walrave, M., & Van Ouytsel, J. (2020). Parent-child communication about Internet use and acceptance of parental authority. *Journal of Broadcasting & Electronic Media*, 64(1), 1-19. <https://doi.org/10.1080/08838151.2019.1681870>
- Tarabulus, T., Heiman, T., & Olenik-Shemesh, D. (2015). Cyber bullying among teenagers in Israel: An examination of cyber bullying, traditional bullying, and socioemotional functioning. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 24(6), 707-720. <https://doi.org/10.1080/10926771.2015.1049763>
- Tian, Y., Guo, Z. X., Shi, J. R., Bian, Y. L., Han, P. G., Wang, P., & Gao, F. Q. (2018). Bidirectional mediating role of loneliness in the association between shyness and generalized pathological internet use in Chinese university students: A longitudinal cross-lagged analysis. *The Journal of Psychology*, 152(8), 529-547. <https://doi.org/10.1080/00223980.2018.1468309>
- Wang, J., Iannotti, R. J., & Nansel, T. R. (2009). School bullying among adolescents in the United States: Physical, verbal, relational, and cyber. *Journal of Adolescent Health*, 45(4), 368-375. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2009.03.021>
- Wood Jr, F. R., & Graham, R. (2020). "Safe" and "At-Risk": Cyberbullying victimization and deviant health risk behaviors in youth. *Youth & Society*, 52(3), 449-468. <https://doi.org/10.1177%2F0044118X18810943>
- Xiuqin, H., Huimin, Z., Mengchen, L., Jinan, W., Ying, Z., & Ran, T. (2010). Mental health, personality, and parental rearing styles of adolescents with

- Internet addiction disorder. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 13(4), 401-406. <https://doi.org/10.1089/cyber.2009.0222>
- Yao, M. Z., & Zhong, Z. J. (2014). Loneliness, social contacts and Internet addiction: A cross lagged panel study. *Computers in Human Behavior*, 30, 164-170. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2013.08.007>
- Ybarra, M. L., & Mitchell, K. J. (2004). Youth engaging in online harassment: Associations with caregiver-child relationships, internet use, and personal characteristics. *Journal of Adolescence*, 27(3), 319-336. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2004.03.007>
- Zhang, S., Tian, Y., Sui, Y., Zhang, D., Shi, J., Wang, P., Meng, W., & Si, Y. (2018). Relationships between social support, loneliness, and internet addiction in Chinese postsecondary students: A longitudinal cross-lagged analysis. *Frontiers in Psychology*, 9, 1707. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01707>
- Zhou, Z., Tang, H., Tian, Y., Wei, H., Zhang, F., & Morrison, C. M. (2013). Cyberbullying and its risk factors among Chinese high school students. *School Psychology International*, 34(6), 630-647. <https://doi.org/10.1177/0143034313479692>